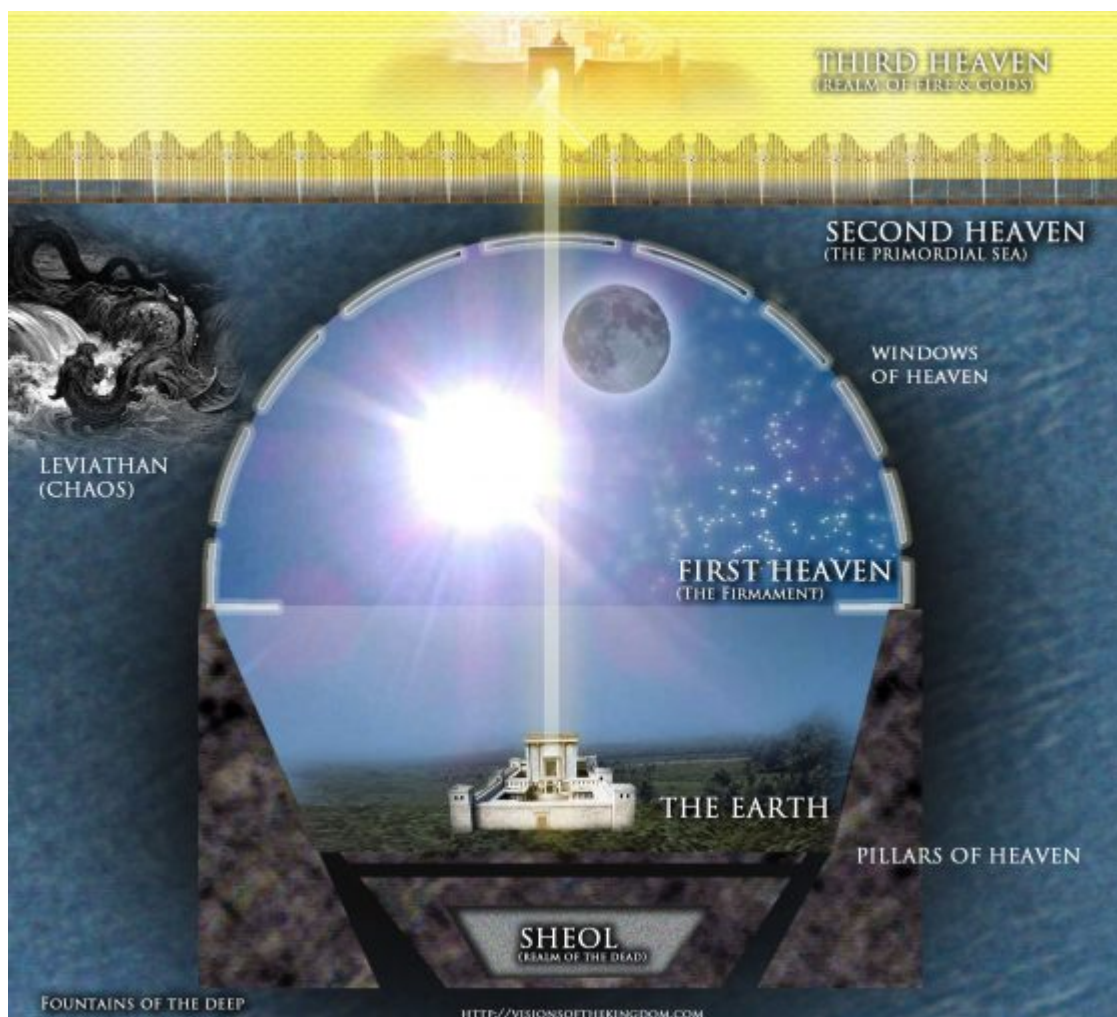


Teólogo adventista mostra que o santuário terrestre representava também o modelo da Terra plana, criada por Deus



Além de insistir que o texto dos primeiros capítulos de Gênesis deve ser interpretado literalmente, sob pena de enfraquecer crenças fundamentais da doutrina adventista, em sua tese de doutorado e documento publicado pelo Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da Igreja Adventista, o teólogo Elias Brasil de Souza, doutor em Exegese e Teologia do Antigo Testamento, defende que a divisão tripartite do

santuário terrestre representava a cosmovisão bíblica de Terra plana do Antigo Testamento, com o pátio exterior, lugar santo e o santíssimo representando respectivamente o mundo habitável, os céus visíveis e a dimensão invisível do cosmos, onde reside YHWH.

Segundo ele, na Bíblia hebraica, é comum descrever-se Deus “olhando” para baixo desde Seu santuário celestial, numa relação vertical que se horizontaliza como na passagem que diz: “O Senhor está em Seu santo templo, cale-se diante dele toda a Terra.” Habacuque 2:20. Na cosmovisão hebraica, Deus está no santuário do palácio de Sua cidade celestial, localizada acima do firmamento, de onde nos observa, ouve, protege, julga, etc.



[Santuário, cosmos, concerto e criação – PDF](#)

Texto traduzido automaticamente pelo Google Translate:
<http://www.perspectivedigest.org/article/153/archives/20-1/sanctuary-cosmos-covenant-and-creation>

Por Elias Brasil de Souza

Os cristãos tradicionalmente entenderam o santuário terrestre com seus sacerdotes, sacrifícios e tempos sagrados como uma

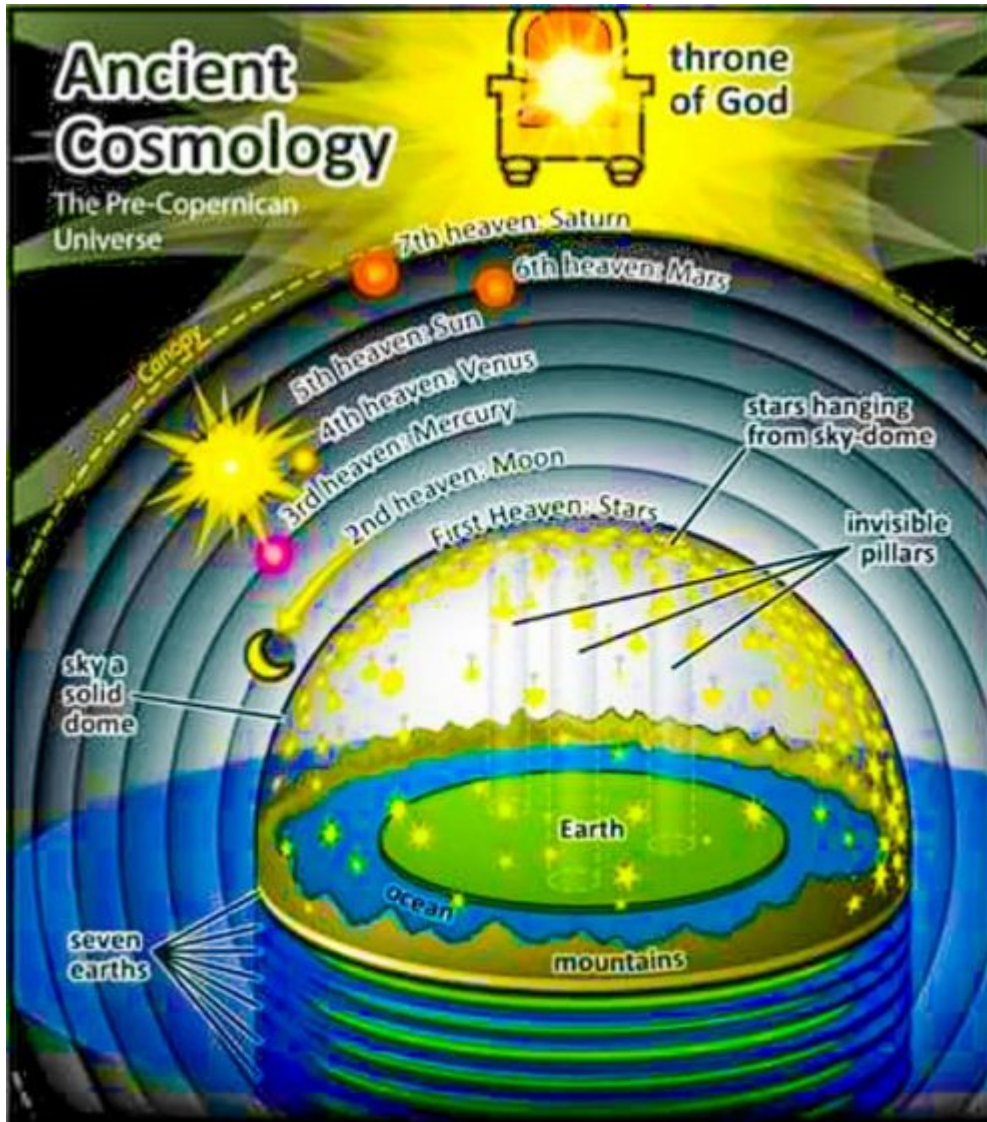
representação concreta do plano de salvação com suas implicações para a relação entre Deus e os humanos.

Os adventistas do sétimo dia adicionaram ao seu entendimento estabelecendo o sistema de adoração de Israel dentro de um quadro de tempos finais. Ou seja, o tabernáculo terrenal veio a ser visto como um tipo de templo celestial no qual Jesus Cristo realiza seu ministério celestial para completar o plano da salvação. Verificou-se que o modo bíblico de perceber o sistema de adoração israelita era preordenado por Deus para revelar de maneira figurativa o plano da salvação com foco na resolução final da grande controvérsia entre o bem e o mal.

Nos últimos anos, vários estudos propuseram o que podemos chamar de “estrutura cosmológica” para a compreensão do santuário israelita. Isso implica que o santuário terrestre não é principalmente um tipo de contraparte celestial, mas um reflexo do cosmos ou da criação. Nesta interpretação, quando o santuário celestial aparece no quadro, significa os céus, o cosmos ou a criação como um todo. Jon D. Levenson, com base em paralelos extra-bíblicos, relacionou o santuário com mitos do antigo Oriente Próximo e afirmou que os rituais “que ocorreram lá. . . Foram pensados para permitir a participação humana no ordenamento divino do mundo “. ¹

Dentro do círculo evangélico, um grande proponente de uma visão semelhante é GK Beale, segundo o qual o templo deve ser entendido como um espelho do cosmos. Ele argumenta que o templo israelita era composto de três partes principais, cada uma das quais simbolizava uma parte importante do cosmos: 1) O pátio externo representava o mundo habitável onde a humanidade habitava; 2) o lugar santo era emblemático dos céus visíveis e sua fonte de luz; 3) os santos dos santos simbolizavam a direção invisível do cosmos, onde Deus e suas hostes celestiais moravam ” ² Em um trabalho recente, John Walton argumentou que o papel cósmico do templo como percebido no antigo Oriente Próximo também se aplica ao Templo em Israel. ³

Santuário e Cosmos



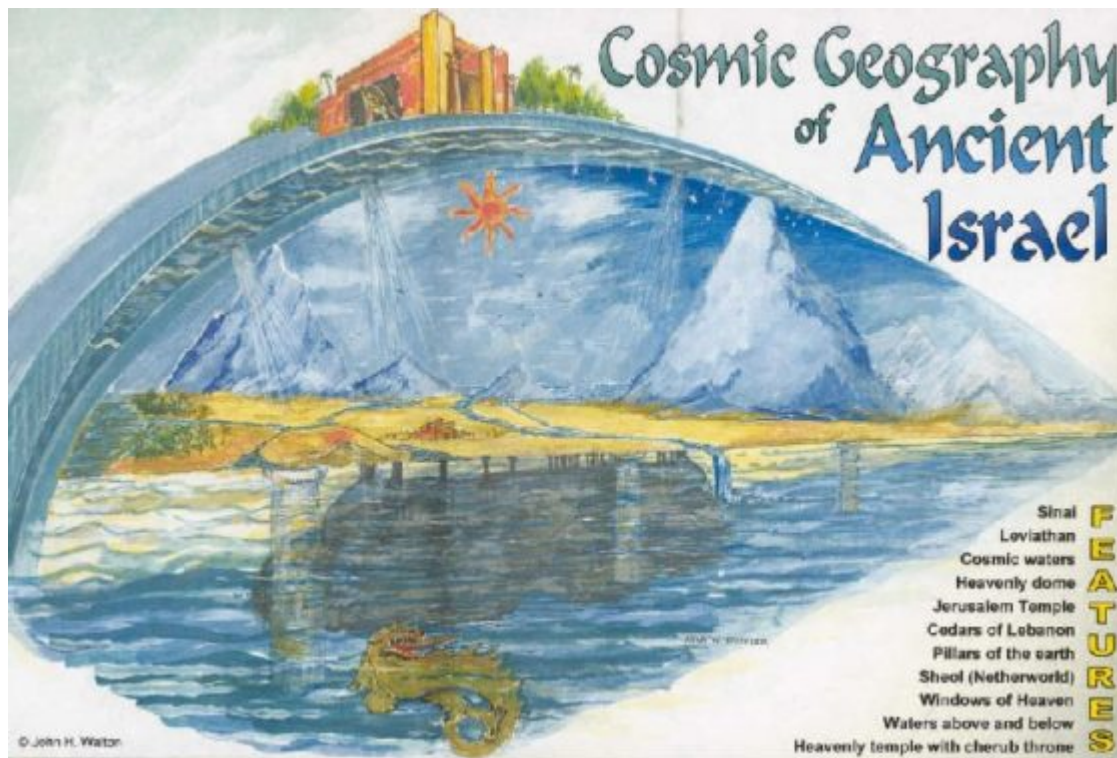
Embora o texto bíblico revele alguns vínculos entre a criação / cosmos e o santuário, é preciso salientar que, como J. Palmer observou bem: “Esta conexão é claramente vista na literatura do período do Segundo Templo”. O próprio Velho Testamento, essa conexão é reconhecidamente “menos explícita”.

⁵ Ele também observa que a conexão do tabernáculo com a criação “é plausível com base nos paralelos antigos do Oriente Próximo e do testemunho silencioso, embora ainda presente, do Antigo Testamento, especialmente Quando lido à luz da interpretação judaica precoce ” ⁶Assim, como Palmer reconhece, embora o tabernáculo seja retratado nas Escrituras com linguagem de criação e conhecimentos cósmicos, a estrutura cosmológica para

a compreensão do santuário é, na melhor das hipóteses, secundária às preocupações e propósitos básicos Dos escritores bíblicos.

Parece claro, portanto, essa abordagem deve recorrer a “paralelos antigos do Oriente Próximo” e “interpretação judaica precoce”. Um exame dos textos antigos do Oriente Próximo e, em especial, da literatura extrabíblica do segundo período do templo revela uma ampla profusão de cosmológica Vistas relacionadas com o santuário. Os textos mesopotâmicos, ugaríticos e egípcios também parecem ter uma visão cósmica do conceito do templo. O processo de construção do templo do rei Gudea de Lagash parece evocar uma percepção cósmica da idéia do templo. Também o ciclo Baal de Ugarit retrata o envolvimento de Baal na construção de um templo cósmico e refere-se à morada cósmica de El na fonte de dois rios.

Tais idéias também estavam muito em casa no Egito, onde tais idéias cosmológicas relacionadas ao templo parecem ter se desenvolvido com mais clareza. Como William A. Ward resumiu corretamente: “O templo de culto como um edifício simbolizava a criação divina do universo. Representava a existência eterna de um universo ordenado em oposição às forças caóticas que, segundo o mito, tentaram destruir essa ordem. Essa luta entre ordem e caos – isto é, bem e mal – faz parte de todo o pensamento antigo, inclusive o do Egito ” .⁷



Na literatura do segundo período do templo, no entanto, as interpretações cosmológicas do templo tornam-se mais explícitas. Em um trabalho instrutivo, P. Hayward compilou uma vasta lista de textos judeus tardios que tratam do templo. Um exame superficial desta literatura indica que a interpretação cósmica do templo e suas armadilhas tornou-se penetrante no final do segundo período do templo. Ben Sira contém a noção de que o serviço do templo “tem uma parte a desempenhar na estabilidade da Criação, o próprio Pai representando a certeza de que Deus jamais mais irá destruir o mundo por uma inundação”.⁸ Ideias semelhantes são aprovadas por *Liber Antiquitatum Biblicarum*, *Jubileus*, Pseudo-Philo e Josefo. Em Philo e Josefo, no entanto, as diferentes partes do templo são representadas como representações do mundo ou do universo.

O seguinte trecho de Philo retrata o universo como um templo, cuja contrapartida material é o templo de Jerusalém: “Devemos considerar o mundo universal como o templo mais alto e verdadeiro de Deus, tendo por seu santíssimo lugar o mais sagrado Parte da essência de todas as coisas existentes, a saber, o céu; E para ornamentos, as estrelas; E para os

sacerdotes, os ministros subordinados do seu poder, isto é, os anjos, as almas incorpóreas, não os seres compostos de natureza irracional e racional, como são os nossos corpos, mas que têm as partes irracionais totalmente cortadas, sendo absolutamente intelectuais, Raciocínios puros, parecidos com a unidade.

“Mas o outro templo é feito com as mãos; Pois era desejável não cortar os impulsos dos homens que estavam ansiosos para trazer contribuições para os objetos de piedade e desejosos de mostrar sua gratidão por sacrifícios por uma boa sorte que lhes acontecesse, ou então implorar perdão e perdão Por quaisquer erros que possam ter cometido. Ele além disso previu que não poderia haver um grande número de templos construídos em muitos lugares diferentes, ou no mesmo lugar, achando apropriado que, como Deus é um, seu templo também deveria ser um. ” ⁹

Além disso, para Philo, o mundo e a alma também funcionavam como templos em relacionamento mútuo: “Há, como parece, dois templos pertencentes a Deus; Um sendo este mundo, no qual o sumo sacerdote é a palavra divina, seu próprio filho primogênito. O outro é a alma racional, cujo sacerdote é o homem verdadeiramente verdadeiro, cuja cópia, perceptível aos sentidos, é quem executa seus votos e sacrifícios paternos, a quem se impõe a vestir a túnica acima mencionada, a Representação do paraíso universal, para que o mundo se unione com o homem oferecendo sacrifício e que o homem também possa cooperar com o universo ” ^{.10}

Idéias semelhantes são desenvolvidas por Josefo, para quem o templo era uma contrapartida do mundo: “Pois, se alguém quiser considerar o tecido do tabernáculo e ter uma visão das vestes do sumo sacerdote e dos navios que fazemos Usando em nosso ministério sagrado, ele descobrirá que nosso legislador era um homem divino, e que somos injustamente reprovados pelos outros: pois se alguém fizer sem preconceitos, e com

juízo, veja essas coisas, ele achará que eram todos feitos de imitação e representação do universo. Quando Moisés distinguiu o tabernáculo em três partes, e permitiu dois deles aos sacerdotes, como um lugar acessível e comum, denotou a terra e o mar, sendo estes de acesso geral a todos; Mas ele separou a terceira divisão para Deus, porque o céu é inacessível para os homens. E quando ele ordenou que dez pães se pusessem na mesa, ele denotou o ano, como distinguido em tantos meses. Ao ramificar o castiçal em setenta partes, ele insinuou secretamente o Decani, ou setenta divisões dos planetas; E quanto às sete lâmpadas sobre os candelabros, eles se referiram ao curso dos planetas, do qual esse é o número. ”

11

Neste momento, pode-se perguntar sobre as fontes e / ou motivações que levaram Philo, Josefo e outros escritores judeus a elaborar essas interpretações cosmológicas do templo. Pode ser sugerido, como Hayward observou explicitamente em relação à sabedoria e a Philo, que a “possibilidade de o pensamento grego ter influenciado” esses escritores “dificilmente pode ser excluída” .¹² Além disso, pode ser que as idéias do templo no Egito também possam ter influenciado os escritos judeus extra-canônicos, para não mencionar a influência do ambiente antigo antigo antigo mediado pela crescente pressão helenística. Assim, sem surpresa, John Walton recorre a Josefo, Philo e literatura rabínica para endossar a percepção do cosmos como templo.

Assim, pode-se sugerir que as percepções cosmológicas do santuário ou templo não se baseiam principalmente no texto bíblico, mas sim dependem de escritores extra-canônicos que provavelmente emprestaram essas idéias de seu ambiente cultural e literário.

Santuário e Aliança

Na narrativa bíblica, o tabernáculo está claramente ligado à aliança e suas implicações (Ex. 29: 44-46), uma vez que o

santuário só foi construído depois que as pessoas foram concedidas sem a escravidão e experimentaram a revelação de Deus no Sinai. As conexões entre a aliança e o tabernáculo aparecem nos níveis conceituais e literários da conta do tabernáculo. Como Angel Rodríguez observou: “É significativo que somente após a descrição do Êxodo do Egito e a aliança no Sinai, o mandamento vem do Senhor para” deixa que me façam um santuário “(Êx. 25: 8). Deus se manifestou no Êxodo, ele apareceu no monte. Sinai (Êxodo 19), e agora sua instrução é que um santuário seja construído de modo que ele possa habitar entre seu povo “. ¹³

Além disso, a experiência da aliança do Sinai deve se tornar permanente no tabernáculo. Assim, a glória do Senhor que aparece no monte Sinai encontrou sua permanência no tabernáculo conforme descrito em Êxodo 40:34. Conforme observado por Brevard Childs, o “papel do tabernáculo como retratado em [Exodus] ch. 40 era ampliar a experiência do Sinai por meio de uma instituição permanente e cultural ” ¹⁴ Os paralelos estruturais entre o Sinai eo tabernáculo com três zonas concêntricas de santidade crescente também deixam claro que o texto bíblico pretendia que o santuário fosse compreendido dentro de um pacto ou redentor estrutura.

As instruções para a construção do tabernáculo incluem indícios adicionais de como o autor bíblico pretendia que o santuário fosse percebido. Como o Childs demonstra apropriadamente, o Êxodo 32 a 34 – que funciona como uma dobradiça literária entre as instruções de construção do tabernáculo (Ex. 25 a 31) e sua execução e inauguração (Ex 35 a 40) – é o quadro teológico para a interpretação do Conta do tabernáculo:

“A função canônica do Ex. 32-34 é colocar as instituições do culto de Israel dentro do quadro teológico do pecado e do perdão. Moisés nem mesmo desceu da montanha com o plano para a adoração (32.1 p.) Antes de Israel se voltar para o culto

falso. O relacionamento da aliança estava sob a sombra da desobediência humana desde o início. O incidente do bezerro de ouro no cap. 32 é retratado, não como uma falha acidental, mas como uma reação representativa, constitutiva da resistência humana aos imperativos divinos. O culto inaugurado no Sinai não refletiu um período ideal de obediência da parte de Israel, mas a resposta de um povo que foi retratado desde o início como a comunidade perdoada e restaurada. Se alguma vez houve o perigo de mal-entendido Sinai como um pacto entre parceiros, o posicionamento de Ex. 32-34 deixou claro que o fundamento da aliança era, acima de tudo, a misericórdia divina e o perdão “. ¹⁵

Esse quadro de pacto também se reflete na oração de Salomão na dedicação do templo (1 Reis 8: 14-61). Salomão pediu que o perdão seja concedido aos pecadores enquanto rezam para o templo. Portanto, fica claro que o templo, como o tabernáculo, funcionou dentro de um quadro de paternidade de perdão, o que resultaria na restauração da relação quebrada entre o Senhor e Seu povo. Em outras palavras, no templo, Deus trabalhou para perdoar os pecados e restaurar os relacionamentos.

A correlação entre santuário e redenção é reforçada por outras vertentes da literatura bíblica. O salmo 51, por exemplo, concentra-se no pecado e no perdão, usando a linguagem evocativa do santuário e seus rituais. A contrição e o arrependimento de Davi de seu pecado são moldados por um conjunto de termos santuários em seu quadro de pacto e redenção. Depois de apelar para a misericórdia e a misericórdia de Deus, o rei contrito reconhece sua rebelião e implora a Deus que o purifique de seu pecado. Ele reconhece a limitação de sacrifícios para lidar com as terríveis conseqüências do pecado: “Os sacrifícios de Deus são um espírito quebrado, um coração quebrantado e contrito. Estes, ó Deus, você não desprezará” (v. 17). ¹⁶

Ao dizer isso, no entanto, David não estava negando o papel

importante do serviço do santuário, mas simplesmente advertindo contra um uso mecânico ou manipulador do sistema ritual. Como o último versículo deixa claro, Deus está “satisfeito com os sacrifícios da justiça, com oferta queimada e todo o holocausto” (vs. 19). Torna-se evidente que “sacrifícios de justiça” são aceitáveis para Deus, isto é, sacrifícios acompanhados de confissão e contrição são oferecidos de acordo com as instruções de Deus. Deve-se enfatizar que este salmo concebe o serviço do santuário no âmbito da redenção e do perdão.

Outra passagem que vale a pena mencionar é Isaías 56: 1 a 7, em que o templo, a aliança e o sábado são apresentados como conceitos interligados. Embora o templo seja retratado a partir de uma perspectiva universal, sua função de salvação é evidente: “Mesmo eles trarei para o meu monte sagrado e os alegrarei na Minha casa de oração. Os holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar; Porque a minha casa será chamada de casa de oração para todas as nações “(vs. 7).

Uma percepção semelhante aplica-se ao Novo Testamento. Na Epístola aos Hebreus, o santuário terrestre é concebido em conexão com a aliança (9: 1) e como um lugar onde, embora de forma limitada, a redenção do pecado foi decretada e cuja consumação suprema reside no santuário celestial (8: 1, 2). Na mesma linha, o Livro de Revelação retrata as imagens do santuário em estreita ligação com a redenção do pecado e da restauração. Assim, parece que, da perspectiva da teologia bíblica, uma função crucial do santuário é servir como o lugar onde Deus habita entre o Seu povo e estabelece com eles um relacionamento próximo – um relacionamento que é preservado por causa da disposição de Deus para perdoar os pecados e restaurar Seu povo para a plena comunhão com Ele mesmo.

Santuário e Criação

Os textos bíblicos exibem alusões e imagens inegáveis que ligam o santuário à criação. Parece claro que a construção do

tabernáculo é narrada com linguagem sugestiva de criação, como os estudiosos observaram.¹⁷ As instruções para a construção e seleção de materiais para o tabernáculo, conforme relatado em Êxodo 25 a 31, estão divididas em sete seções (25: 1; 30:11, 17, 22, 34; 31: 1, 12). Cada uma das primeiras seis seções começa com a expressão “e o Senhor falou com Moisés dizendo” e a sétima seção conclui com uma referência ao sábado do sétimo dia (31: 12-17). Após o episódio de bezerro dourado, a última seção principal de Êxodo (35-40) começa com outra referência ao Sábado (35: 1-7), que pode ser entendida como uma alusão à criação e conclui com uma estrutura de sete vezes, ligando Santuário com a criação (40: 17-34).

Dentro desta última passagem, seis subseções terminam com a expressão “como o Senhor ordenou a Moisés” (v. 21, 23, 25, 27, 29, 32). E, curiosamente, a sétima subseção (vs. 33) usa um linguagem que lembra o fechamento do relato de criação geral de Gênesis no sétimo dia. “Então, Moisés terminou a obra”, que faz eco de Gênesis 2: 2: “No sétimo dia, Deus havia concluído o trabalho que fazia” (NVI). Uma conexão ainda mais forte, no entanto, aparece em 1 Reis 7:40 na narrativa do templo: “Hiram terminou de fazer todo o trabalho que ele deveria fazer pelo rei Salomão para a casa do Senhor”.

Além disso, uma outra ligação entre o santuário e a criação pode ser deduzida das imagens do santuário refletidas na narrativa do Jardim do Éden. Os estudiosos modernos identificaram correlações entre o santuário e o Jardim do Éden. Foi dada atenção à localização do jardim (de frente para o Leste), as pedras preciosas (bdellium e onyx) e ouro, a presença de Deus no jardim, os querubins guardando sua entrada, a inferência de que os sacrifícios foram oferecidos na sua porta, Etc., como suporte para a percepção do Éden como um santuário.¹⁸

Essas relações intertextuais são uma indicação de que o santuário deve ser interpretado como um tipo de cosmos / mundo

/ criação? Ou há outra explicação capaz de fazer justiça aos dados bíblicos? Como observado acima, uma vez que a Bíblia retrata o santuário e seus serviços como os meios pelos quais o Senhor lidar com os pecados de Seu povo e restaurar o relacionamento da aliança, a resposta para a primeira questão é negativa. No entanto, os laços claros entre o santuário ea criação devem ser contabilizados.

Deve-se notar, em primeiro lugar, que alguns dos links entre a conta de Criação e a construção do tabernáculo podem ser explicados com base em que ambas as obras compartilham algumas semelhanças óbvias. Ambos são construções materiais, ambos são baseados na autoridade de Deus, e ambos são trabalhos artísticos por direito próprio. Portanto, não deve surpreender que palavras e expressões usadas para narrar a criação do mundo também sejam empregadas para descrever a construção do tabernáculo. A título de ilustração, uma narrativa sobre a construção de uma casa e a construção de um barco pode compartilhar algumas semelhanças, sem necessariamente implicar que a casa é um tipo de barco ou vice-versa. As similaridades neste caso podem ser facilmente explicadas com base em elementos compartilhados necessários para ambas as construções. Portanto, algumas semelhanças entre as contas do santuário e da criação não necessitam necessariamente de uma visão cosmológica do santuário, no sentido de que este último é um microcosmo ou tipo do universo / mundo.

Em segundo lugar, alguns links intertextuais, como os mencionados acima, podem ter sido intencionalmente utilizados pelo escritor bíblico para conectar o santuário com a criação em bases teológicas. A criação é o fundamento teológico de todo o sistema do tabernáculo. O Deus que habita dentro do santuário é o Deus Criador. Esta parece ser a conexão principal e todos os outros links assumidos devem ser interpretados à luz deste conceito principal. Além disso, o santuário terrestre veio a ser estabelecido como uma expressão da aliança de Deus com o Seu povo. Na aliança, Deus começa a

reverter os efeitos nocivos do pecado e a alinhar a criação com seus propósitos amorosos.

Essa criação é o princípio subjacente e a motivação por trás do santuário, e seus rituais e leis de atendimento parecem ser corroborados pelas seguintes considerações. Um princípio importante que opera no sistema do santuário é o princípio da vida. O Deus que habita no santuário é o Deus da vida e não tem nada a ver com a morte. Ao contrário dos dos cananeus e dos egípcios, que adoravam antepassados e detestavam reis mortos, a religião revelada no tabernáculo, por questão de princípio, excluía a morte do reino da verdadeira adoração. Isso pode explicar a proibição de certos costumes pagãos de luto (Deuterônios 14: 1, 2) e as leis relativas à contaminação do cadáver (Números 5: 1-4), que incluíam instruções específicas para os sacerdotes (Levítico 21: 1, 11) E Naziritas (Números 6: 6). O descumprimento do ritual prescrito para eliminar essa impureza exclui o ofensor intencional da congregação (19:13).

19

Parece que Hyan Maccoby está no caminho certo ao observar que “tudo o que é uma característica do ciclo de nascimento e morte deve ser banido do Templo do Deus que não morre e não nasceu. Não é que haja algo pecador quanto ao nascimento e à morte “, mas, como Maccoby afirma,” o único lugar no mundo que foi destinado ao descanso da Presença Divina deve ser protegido contra a mortalidade ” .²⁰ Isso pode ajudar a compreensão de Imagens de criação no santuário. Como o lugar onde o perdão do pecado foi concedido, o santuário funcionou como a morada do Deus que odeia a morte, que é a última consequência do pecado. No santuário, Deus realiza uma obra de restauração da Criação lidando com o pecado. Portanto, a criação e os motivos cósmicos relacionados ao santuário podem não pretender representar a Terra como um santuário antitípico, mas para expressar o fato de que a criação é o fundamento sobre o qual se baseia todo o serviço do santuário.

No Novo Testamento, Paulo e João desenvolvem sua representação da salvação em conexão com a Criação. O desenvolvimento de Paulo da tipologia de Adam demonstra claramente que o trabalho da redenção é de alguma forma consistente com a obra de criação de Deus, como Cristo o segundo Adão veio reverter o fracasso do primeiro Adão (Romanos 5:12; 1 Coríntios 15:21, 22). Para Paulo, a lógica da salvação parece operar no pressuposto da criação. No Apocalipse, as interconexões entre salvação e criação ocorrem no quadro das imagens do santuário. Como os capítulos conclusivos do Apocalipse mostram claramente, o resultado final da salvação é a restauração completa da criação quando “o tabernáculo de Deus é com os homens” (Apocalipse 21: 3).

Novamente, a ocorrência de conexões verbais, conceituais e icônicas entre o santuário terrestre e a criação não parece retratar o último como o antitipo do primeiro. Em vez disso, com base no amplo contexto das Escrituras, a criação como aparece em relação ao santuário funciona como o sistema operacional segundo o qual todo o sistema ritual e a teologia derivada dele podem ter sentido. E isso acontece quando a criação é integrada com a salvação / redenção.

Santuário e Tipologia Vertical

Nas instruções dadas a Moisés sobre como construir o santuário, Deus deixou claro que tudo deveria ser feito de acordo com o “modelo” (Ex. 25:40). O significado e as implicações da palavra traduzida como “modelo” receberam tratamento detalhado em outros estudos.

Entre as várias conotações da palavra hebraica traduzida como “modelo”, a de apontar para o templo original no céu parece ter peso considerável por várias razões. Primeiro, é usado com esta conotação nos textos cruciais de Êxodo 25:40: “Veja para que você os faça de acordo com o *padrão* que lhe foi mostrado na montanha”. Em segundo lugar, a Bíblia claramente atesta a existência de um celestial Santuário trabalhando em interação

dinâmica com a contraparte terrena (1 Reis 8: 30-35, 41-50, Isaías 6: 1-7). Terceiro, tal correspondência vertical entre tabernáculo terrenal e santuário celestial é atestada na Epístola aos Hebreus (8: 1-5; 9: 23-26). Por último, deve-se ter em mente que a mente antiga do Oriente Próximo associaria naturalmente o tabernáculo terrenal com seu arquétipo celestial.

Por esta razão, não se deve negligenciar a correspondência entre o santuário terrestre e sua contraparte celestial. As correlações e analogias entre o santuário com o mundo, a criação, o cosmos, etc., não devem destruir a percepção fundamental da Escritura de que o santuário celestial é o último lugar da atividade de Deus a favor da raça humana e do lugar onde Cristo realiza Seu ministério sacerdotal. Do ponto de vista profético / escatológico, o templo antitípico / arquetípico a que o tabernáculo terrenal apontou não é a Terra / mundo nem o cosmos como um todo – ou os céus, mesmo assim -, o santuário celestial de Deus localizado no céu.

Como o paralelismo entre Daniel 7 e 8 deixa claro, a purificação do santuário anunciada em Daniel 8:14 corresponde ao julgamento celestial retratado em Daniel 7: 9 a 14. Portanto, o santuário a ser purificado em Daniel 8:14 deve estar localizado no paraíso. De novo, de acordo com este paralelismo, deve-se notar que, uma vez que se reconheceu que Daniel 7: 9 a 14 retrata as imagens do dia da expiação, certamente o evento descrito como a purificação do santuário em Daniel 8:14 deve indicar. Esse dia de atividades de expiação são realizados no templo celestial. Estudos da terminologia cultual de Daniel 8: 9 a 14 revelaram que a linguagem deste capítulo não se refere apenas aos conceitos gerais do santuário, mas também evoca imagens do dia da expiação.

Em um estudo interessante, Fletcher-Louis, por exemplo, sugeriu que a cena do Filho do Homem que vem ao Antigo dos Dias com as nuvens do céu (Dan. 7:13) evoca o dia da expiação quando o Sumo Sacerdote entrou o lugar mais sagrado cercado

por uma nuvem de incenso (Levítico 16). ²¹Em Daniel 8:14, o termo empregado em referência ao santuário é a palavra exata usada para designar o lugar mais sagrado nos rituais do dia da expiação (Levítico 16: 2, 3, 16, 17, 20, 23 27, 33). Assim, como a colocação canônica de Daniel 7 e 8 são tomadas como textos que se iluminam mutuamente, surge uma imagem ampla das realidades celestiais. Nesse caso, parece claro que o santuário nestes capítulos não é um templo cósmico amorfo ou etéreo – ou templo mundial para esse assunto -, mas um santuário no céu com vínculos estruturais e funcionais com o santuário / templo descrito em outros lugares da Bíblia hebraica .

Conclusão

A função mais importante do santuário na Bíblia é servir como o local da expiação, pelo que a reconciliação entre um Deus santo e um povo pecador é alcançada. Este aspecto importante da percepção bíblica do templo corre o risco de ser destruído pelas interpretações cosmológicas, que refletem mais as idéias importadas das outras culturas antigas do Oriente Médio do que a visão de mundo dos próprios escritores bíblicos. Além disso, o santuário retratado na Bíblia hebraica existe em relação estrutural e funcional ao seu antitético celestial, onde Deus lida com o problema do pecado e implementa o plano da salvação. Este é um aspecto crucial e singular da percepção bíblica do santuário e não deve ser reduzido ao denominador comum das antigas religiões do Oriente Próximo.

Na narrativa do tabernáculo – e na construção do templo, os ecos são evidentes e paralelos verbais aos motivos de criação. Percepções semelhantes parecem obter para o Jardim do Éden e sua conexão com o santuário. Esses links, no entanto, não exigem necessariamente que o mundo ou o jardim sejam o santuário antitípico. Em vez disso, as ocorrências generalizadas dos conceitos de criação e a terminologia associada à função do santuário enfatizam que a criação é o conceito fundacional a partir do qual a teologia da redenção,

tal como articulada no santuário, encontra sua justificativa final. Ao redimir o Seu povo dos efeitos perniciosos e das conseqüências do pecado, Deus pretende colocar a criação no seu curso. E o Deus que perdoa e restaura através do ministério do santuário é o Deus que criou os céus e a terra.

Certamente, o santuário retratado nas Escrituras tem implicações cósmicas e o trabalho realizado nela afeta o cosmos inteiro no contexto da controvérsia entre o bem e o mal. Tais conhecimentos cósmicos, no entanto, não devem ser autorizados a obliterar a estrutura redentora do santuário / templo e a relação tipológica que existe entre o santuário / templo terrestre e sua contraparte celestial.

Elias Brasil de Souza, Ph.D., é Diretor Associado do Instituto de Pesquisa Bíblica, Silver Spring, Maryland.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Jon D. Levenson, *Criação e Persistência do Mal: O drama judaico da onipotência divina*(San Francisco: Harper & Row, 1988), p. 97.
2. GK Beale, *o Templo e a Missão da Igreja: uma teologia bíblica do lugar morador de Deus*(Downers Grove, Ill .: InterVarsity Press, 2004), pp. 32, 33.
3. John H. Walton, *antigo pensamento do Oriente Próximo e o antigo testamento: Introdução ao mundo conceitual da Bíblia hebraica*(Grand Rapids, Mich .: Baker Academic, 2006), pp. 187-192.
4. J. Palmer, "Exodus e a Teologia Bíblica do Tabernáculo", em T. Desmond Alexander e Simon J. Gathercole, eds., *Heaven on Earth*(Carlisle, UK: Paternoster Press, 2004), p. 14.
5. Ibid.
6. Ibid., P. 15.
7. William A. Ward, "Templos e Santuários: Egito" em David Noel Freeman, ed., *The Anchor Yale Bible Dictionary, Si-Z*(New York: Doubleday, 1992), vol. 6, p. 369.

8. Robert Hayward, *The Jewish Temple: Um livro não-bíblico*(London: Routledge, 1996), p. 52.
9. "The Special Lesws, I. 66-67" em Charles Duke Yonge, tr., *The Works of Philo: Complete and Unabridged*(Peabody, Mass .: Hendrickson, 1995), p. 540.
10. "On Dreams", Livro 1, 215 em *The Works of Philo*, p. 384.
11. Josefo, *Antiguidades judaicas*3.7.7 (180-182) nas *Novas obras completas de Josefo*, traduzidas por William Whiston, comentário de Paul L. Maier (Grand Rapids, Mich .: Kregel, 1999), p. 126.
12. Hayward, *The Jewish Temple*, op. Cit., P. 112.
13. Angel Manuel Rodriguez, "Teologia do Santuário no Livro do Êxodo", *Andrews University Seminary Studies*, vol. 24 (1986), p. 129.
14. Brevard S. Childs, *Introdução ao Antigo Testamento como Escritura*(Philadelphia: Fortress, 1979), p. 175.
15. Ibid., Pp. 175, 176.
16. Salvo indicação em contrário, todas as referências das Escrituras neste artigo são citadas a partir da *Nova Versão King James* da Bíblia.
16. Veja, por exemplo, Menahem Haran, "A imagem sacerdotal do tabernáculo", *Hebrew Union College Annual*36 (1965): 191-226.
17. Veja, por exemplo, Gordon J. Wenham, "Simbolismo do Santuário na História do Jardim do Éden" em *Procedimentos do IX Congresso Mundial de Estudos Judaicos*(Jerusalém: União Mundial de Estudos do Mundo, 1986), pp. 19-25.
18. Uma pessoa que negligenciou negligentemente a aplicação das cinzas da vaca vermelha para eliminar a contaminação do cadáver (Num. 19) seria "cortada" (*karet*) da congregação. De acordo com Donald Wold, tal castigo significava exclusão da vida após a morte ("The *Karet*Penalty in P: Rationality and Cases", *The Society of Biblical Literature Seminar Papers* 1 [1979]: 1-25). Para uma explicação detalhada do ritual envolvendo as cinzas da vaca vermelha, veja Roy Gane, *Leviticus*,

Números , *The NIV Application Commentary* (Grand Rapids, Mich .: Zondervan, 2004), pp. 658-662.

19. Hyam Maccoby, *Ritual e Moralidade: o sistema de pureza ritual e seu lugar no judaísmo*(Nova York: Cambridge University Press, 1999), p. 207.
20. Crispin HT Fletcher-Louis, "O Sumo Sacerdote como Divino Mediador na Bíblia hebraica: Dan.7:13 como caso de teste, " *Society of Biblical Literature Seminar Papers*, vol. 36 (1997), pp. 161-93.